

O Livro dos Médiuns



Allan Kardec

**PARTE II – CAPÍTULO XIV.
Médiuns.**

Índice

Assunto	Origem	Pagina
Médiuns	O Livro dos Médiuns	03
Médiuns	Centro Espírita Batuira	04
01. Médiuns efeitos físicos	O Livro dos Médiuns	06
Médiuns de efeitos físicos	Centro Espírita Batuira	09
Médiuns de efeitos físicos	Centro Espírita Batuira	11
02. Médiuns sensitivos ou impressionáveis	O Livro dos Médiuns	13
Médiuns sensitivos ou impressionáveis	Centro Espírita Batuira	14
03. Médiuns audientes	O Livro dos Médiuns	15
Médiuns	Centro Espírita Batuira	16
04. Médiuns falantes	O Livro dos Médiuns	17
Médiuns falantes	Centro Espírita Batuira	18
05. Médiuns videntes	O Livro dos Médiuns	19
Médiuns videntes	Centro Espírita Batuira	21
06. Médiuns sonambúlicos	O Livro dos Médiuns	23
Sonambulismo	O Consolador	24
07. Médiuns curadores	O Livro dos Médiuns	25
Médiuns curadores	Centro Espírita Batuira	27
08. Médiuns pneumatógrafos	O Livro dos Médiuns	29
Médiuns pneumatógrafos	Centro Espírita Batuira	30

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

Parte II – Das manifestações Espíritas.

Capítulo XIV – Médiuns

Médiuns.

159. Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos.

Estudos

Centro Espírita Bатуíra

Médiuns.

Médiuns.

“Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium.” Nesta definição, o verbo “sentir” expressa a idéia básica sobre a mediunidade: um sentido psíquico, de ordem paranormal, capaz de ampliar a capacidade do ser humano assegurando-lhe condições de servir de instrumento para a comunicação do Mundo Espiritual com o Mundo Material.

Allan Kardec também registrou:

“Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns.”

A capacidade mediúnica é considerada uma percepção inerente à estrutura psíquica das criaturas; por isso é que a encontramos nos mais diferentes níveis de consciência da humanidade. Ela não é moral, mas a moral do médium é que responde pelo seu uso. Ela é simplesmente uma das funções psicofisiológicas do Homem, podendo ser enquadrada como um dos sentidos que o Espírito encarnado utiliza a fim de manifestar-se e desenvolver-se, gradativamente, para a plenitude da Vida.

Continuando, Allan Kardec faz uma ressalva:

“Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.”

Com essa definição foi estabelecida uma linha demarcatória entre os indivíduos capazes de agir no campo objetivo, favorecendo a expressão do pensamento e da intenção dos Espíritos e aqueles que atuam num campo subjetivo, expressando a manifestação dos Espíritos de forma imprecisa, indefinida, muitas vezes sem consciência alguma dessas ocorrências.

Há, portanto, dois níveis funcionais bem caracterizados: um, ostensivo, explícito, em que os pensamentos dos Espíritos comunicantes, apesar da influência do médium, podem sobrepor-se ao deste; e, outro, discreto, velado, a manifestar-se no campo da inspiração, em que o pensamento do Espírito se mescla com o do médium, se diluindo no conjunto de suas idéias.

Além dessa divisão funcional (de uso, serventia), o Codificador ao estudar os fenômenos mediúnicos, os classificou em duas grandes áreas bem diferenciadas: a mediunidade de efeitos físicos e a mediunidade de efeitos inteligentes.

É necessário ressaltar que todas essas divisões têm efeito metodológico, visando facilitar nosso entendimento, pois a mediunidade é uma só, um todo, mas pode ser analisada em seus vários aspectos funcionais, caracterizados como formas variadas de manifestação.

Apresentamos abaixo as divisões fenomênicas e funcionais, identificadas por Allan Kardec ao estudar a faculdade mediúnica, e que se encontram catalogadas em “O Livro dos Médiuns.”:

1. Fenômenos psíquicos:

1.1. Manifestações anímicas: o próprio médium se manifestando

1.2. Manifestações mediúnicas: O Espírito desencarnado se manifestando através de um médium.

2. Manifestações mediúnicas:

2.1. Manifestações de efeito físico: que tem poder de provocar efeitos materiais ou as manifestações ostensivas (sensíveis aos 5 sentidos).

2.2. Manifestações de efeitos inteligentes: são mais aptas a transmitir e receber as comunicações inteligentes.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

3. Quanto à função / uso da mediunidade:

3.1. Generalizada

3.2. Ostensiva (mediunato)

4. Quanto aos médiuns: (Este será o objeto de nossos estudos no desenvolvimento do capítulo XIV de O Livro dos Médiuns, aqui estudado).

4.1. De efeitos físicos: - São os mais aptos, especialmente, à produção de fenômenos materiais, como o movimento de corpos inertes, os ruídos, o deslocamento, o levantamento e a translação de objetos etc. Estes fenômenos podem ser espontâneos ou provocados. Em todos os casos, exigem o concurso voluntário ou involuntário de médiuns dotados de faculdades especiais. Em geral, têm por agentes Espíritos de ordem inferior, uma vez que os Espíritos elevados só se preocupam com comunicações inteligentes e instrutivas.

Podem ser divididos em médiuns facultativos e médiuns involuntários.

Os médiuns facultativos têm consciência do seu poder e produzem fenômenos espíritos pela própria vontade.

Os médiuns involuntários ou naturais são os que exercem a sua influência sem querer. Não tem nenhuma consciência do seu poder e quase sempre o que acontece de anormal ao seu redor não lhes parece estranho, porque essas coisas fazem parte da sua própria maneira de ser.

4.2. De efeitos intelectuais: Os que são mais especialmente aptos a receber e a transmitir as comunicações inteligentes.

Analisando os diversos fenômenos produzidos sob influência mediúnica, percebe-se que há em todos um efeito físico e que aos efeitos físicos se junta quase sempre um efeito inteligente.

É, às vezes, difícil estabelecer o limite entre ambos, mas isso não acarreta nenhuma dificuldade. Pode-se incluir na classificação de médiuns de efeitos intelectuais os que podem mais especialmente servir de instrumentos para as comunicações regulares e contínuas.

Afirma Allan Kardec que a faculdade mediúnica não se revela em todos da mesma maneira. Os médiuns têm, geralmente, aptidão especial para esta ou aquela ordem de fenômenos, que os divide em tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. As principais são: médiuns de efeitos físicos, médiuns sensitivos ou impressionáveis, auditivos, falantes, videntes, sonâmbulos, curadores, pneumatógrafos, escreventes ou psicógrafos.

Através dessas divisões identificamos a seguinte realidade: - Quantos não são médiuns sem o saberem? Quantos estão criando, produzindo inconscientemente boas ou más obras? Se tal inconsciência se prolonga, aumentam as chances de manipulação e assédio dos Espíritos imperfeitos. Sabemos que moral elevada é barreira ao assédio, e passar da condição de médium involuntário para facultativo, através da conscientização que decorre do estudo e do viver adequado, deve ser meta de todo médium. A mediunidade deve ser consentida, lúcida, forma de adesão ao trabalho da vida, para que produza bons frutos em prol dos famintos do caminho.

Compreender a mediunidade por meio do estudo, do exercício equilibrado, leva a perceber que, se não podemos nos furtar à influência dos Espíritos, necessário é conscientizarmo-nos dela, a fim de nos tornarmos seletivos, escolhendo as companhias espirituais adequadas, transformando-nos no que Allan Kardec classificou de o Bom Médium!

Tereza Cristina D'Alessandro
Dezembro / 2005

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. XIV, 2ª Parte.)

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

01. Médiuns de efeitos físicos.

160. Os médiuns de efeitos físicos são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, ou ruídos, etc. Podem dividir-se em médiuns facultativos e médiuns involuntários. (Veja-se a 2ª parte, caps. II e IV.)

Os médiuns facultativos são os que têm consciência do seu poder e que produzem fenômenos espíritos por ato da própria vontade. Conquanto inerente à espécie humana, conforme já dissemos, semelhante faculdade longe está de existir em todos no mesmo grau. Porém, se poucas pessoas há em quem ela seja absolutamente nula, mais raras ainda são as capazes de produzir os grandes efeitos tais como a suspensão de corpos pesados, a translação aérea e, sobretudo, as aparições. Os efeitos mais simples são a rotação de um objeto, pancadas produzidas mediante o levantamento desse objeto, ou na sua própria substância. Embora não demos importância capital a esses fenômenos, recomendamos, contudo, que não sejam desprezados. Podem proporcionar ensejo a observações interessantes e contribuir para a convicção dos que os observem. Cumpre, entretanto, ponderar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe nos que dispõem de mais perfeitos meios de comunicação, quais a escrita e a palavra. Em geral, a faculdade diminui num sentido à proporção que se desenvolve em outro.

161. Os médiuns involuntários ou naturais são aqueles cuja influência se exerce a seu mau grado. Nenhuma consciência têm do poder que possuem e, muitas vezes, o que de anormal se passa em torno deles não se lhes afigura de modo algum extraordinário. Isso faz parte deles, exatamente como se dá com as pessoas que, sem o suspeitarem, são dotadas de dupla vista. São muito dignos de observação esses indivíduos e ninguém deve descuidar-se de recolher e estudar os fatos deste gênero que lhe cheguem ao conhecimento. Manifestam-se em todas as idades e, frequentemente, em crianças ainda muito novas. (Veja-se acima, o capítulo V, Das manifestações físicas espontâneas.)

Tal faculdade não constitui, em si mesma, indício de um estado patológico, porquanto não é incompatível com uma saúde perfeita. Se sofre aquele que a possui, esse sofrimento é devido a uma causa estranha, donde se segue que os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la desaparecer. Nalguns casos, pode ser consequente de uma certa fraqueza orgânica, porém, nunca é causa eficiente. Não seria, pois, razoável tirar dela um motivo de inquietação, do ponto de vista higiênico. Só poderia acarretar inconveniente, se aquele que a possui abusasse dela, depois de se haver tornado médium facultativo, porque então se verificaria nele uma emissão demasiado abundante de fluido vital e, por conseguinte, enfraquecimento dos órgãos.

162. A razão se revolta à lembrança das torturas morais e corporais a que a ciência tem por vezes sujeitado criaturas fracas e delicadas, para se certificar da existência de fraude da parte delas. Tais experimentações, amiúde feitas maldosamente, são sempre prejudiciais às organizações sensitivas, podendo mesmo dar lugar a graves desordens na economia orgânica. Fazer semelhantes experiências é brincar com a vida. O observador de boa-fé não precisa lançar mão desses meios. Aquele que está familiarizado com os fenômenos desta espécie sabe, aliás, que eles são mais de ordem moral, do que de ordem física e que será inútil procurar-lhes uma solução nas nossas ciências exatas.

Por isso mesmo que tais fenômenos são mais de ordem moral, deve-se evitar com escrupuloso cuidado tudo o que possa sobre-excitar a imaginação. Sabe-se que de acidentes pode o medo ocasionar e muito menos imprudências se cometiam, se se conhecessem todos os casos de loucura e de epilepsia, cuja origem se encontra nos contos de lobisomens e papões. Que não será, se se generalizar a persuasão de que o agente dos aludidos fenômenos é o diabo? Os que espelham semelhantes idéias não sabem a responsabilidade que assumem: podem matar. Ora, o

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

perigo não existe apenas para o paciente, mas também para os que o cercam, os quais podem ficar aterrorizados, ao pensarem que a casa onde moram se tornou um covil de demônios. Esta crença funesta é que foi causa de tantos atos de atrocidade nos tempos de ignorância. Entretanto, se houvesse um pouco mais de discernimento, teria ocorrido aos que os praticaram que não queimavam o diabo, por queimarem o corpo que supunham posseso do diabo. Desde que do diabo é que queriam livrar-se, ao diabo é que era preciso matassem. Esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, a Doutrina Espírita lhe dá o golpe de misericórdia. Longe, pois, de concorrer para que tal idéia se forme, todos devem, e este é um dever de moralidade e de humanidade, combatê-la onde exista.

O que há a fazer-se, quando uma faculdade dessa natureza se desenvolve espontaneamente num indivíduo, é deixar que o fenômeno siga o seu curso natural: a Natureza é mais prudente do que os homens. Acresce que a Providência tem seus desígnios e aos maiores destes pode servir de instrumento a mais pequenina das criaturas. Porém, forçoso é convir, o fenômeno assume por vezes proporções fatigantes e importunas para toda gente. (1) Eis, então, o que em todos os casos importa fazer-se. No capítulo V — Das manifestações físicas espontâneas, já demos alguns conselhos a este respeito, dizendo ser preciso entrar em comunicação com o Espírito, para dele saber-se o que quer. O meio seguinte também se funda na observação.

(1) Um dos fatos mais extraordinários desta natureza, pela variedade e singularidade dos fenômenos, é, sem contestação, o que ocorreu em 1852, no Palatinado (Baviera renana), em Bergzabern, perto de Wissemburg. É tanto mais notável, quanto denota, reunidos no mesmo indivíduo, quase todos os gêneros de manifestações espontâneas: estrondos de abalar a casa, derribamento dos móveis arremesso de objetos ao longe por mãos invisíveis, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocando sem contacto, comunicações inteligentes, etc. e, o que não é de somenos importância, a comprovação destes fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares, dignas de crédito pelo saber e pelas posições sociais que ocupavam. A narração autêntica dos aludidos fenômenos foi publicada, naquela época, em muitos jornais alemães e, especialmente, numa brochura hoje esgotada e raríssima. Na Revue Spirite de 1858 se encontra a tradução completa dessa brochura, com os comentários e explicações indispensáveis. Essa, que sabemos, é a única publicação feita em francês do folheto a que nos referimos. Além do empolgante interesse que tais fenômenos despertam, eles são eminentemente instrutivos, do ponto de vista do estudo prático do Espiritismo.

Os seres invisíveis, que revelam sua presença por efeitos sensíveis, são, em geral, Espíritos de ordem inferior e que podem ser dominados pelo ascendente moral. A aquisição deste ascendente é o que se deve procurar.

Para alcançá-lo, preciso é que o indivíduo passe do estado de médium natural ao de médium voluntário. Produz-se, então, efeito análogo ao que se observa no sonambulismo. Como se sabe, o sonambulismo natural cessa geralmente, quando substituído pelo sonambulismo magnético. Não se suprime a faculdade, que tem a alma, de emancipar-se; dá-se-lhe outra diretriz. O mesmo acontece com a faculdade mediúnica. Para isso, em vez de pôr óbices ao fenômeno, coisa que raramente se consegue e que nem sempre deixa de ser perigosa, o que se tem de fazer é concitar o médium a produzi-los à sua vontade, impondo-se ao Espírito. Por esse meio, chega o médium a sobrepujá-lo e, de um dominador às vezes tirânico, faz um ser submisso e, não raro, dócil. Fato digno de nota e que a experiência confirma é que, em tal caso, uma criança tem tanta e, por vezes, mais autoridade que um adulto: mais uma prova a favor deste ponto capital da Doutrina, que o Espírito só é criança pelo corpo; que tem por si mesmo um desenvolvimento necessariamente anterior à sua encarnação atual, desenvolvimento que lhe pode dar ascendente sobre Espíritos que lhe são inferiores.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

A moralização de um Espírito, pelos conselhos de uma terceira pessoa influente e experiente, não estando o médium em estado de o fazer, constitui frequentemente meio muito eficaz. Mais tarde voltaremos a tratar dele.

163. Nesta categoria parece, à primeira vista, se deviam incluir as pessoas dotadas de certa dose de eletricidade natural, verdadeiros torpedos humanos, a produzirem, por simples contacto, todos os efeitos de atração e repulsão. Errado, porém, fora considerá-las médiuns, porquanto a vera mediunidade supõe a intervenção direta de um Espírito. Ora, no caso de que falamos, concludentes experiências não provado que a eletricidade é o agente único desses fenômenos. Esta estranha faculdade, que quase se poderia considerar uma enfermidade, pode às vezes estar aliada à mediunidade, como é fácil de verificar-se na história do Espírito batedor de Bergzabern. Porém, as mais das vezes, de todo independe de qualquer faculdade mediúnica. Conforme já dissemos, a única prova da intervenção dos Espíritos é o caráter inteligente das manifestações. Desde que este caráter não exista, fundamento há para serem atribuídas a causas puramente físicas. A questão é saber se as pessoas elétricas estarão ou não mais aptas, do que quaisquer outras, a tornar-se médiuns de efeitos físicos. Cremos que sim, mas só a experiência poderia demonstrá-lo.

Estudos

Centro Espírita Bатуíra

I. Médiuns de efeitos físicos.

1. Médiuns de efeitos físicos.

Os médiuns de efeitos físicos são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, ou ruídos, etc. Podem ser divididos em:

Médiuns facultativos ou voluntários: que têm consciência dos fenômenos que produzem.

Médiuns involuntários: ou naturais, que não possuem consciência de suas faculdades e são usados pelos Espíritos para promoverem manifestações sem que o saibam.

Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito se acha mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim se pode exprimir. Em algumas pessoas se verifica, por efeito de suas organizações, uma espécie de emanção desse fluido e é isso, propriamente falando, **o que constitui o médium de efeitos físicos**. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante, como mais ou menos fácil a sua combinação, donde os médiuns mais ou menos poderosos. Essa emissão, porém, não é permanente, o que explica a intermitência do poder mediúnico.

Os médiuns de efeitos físicos são dotados de faculdade capaz de produzir efeitos materiais ostensivos. Seus trabalhos têm a finalidade de chamar a atenção da incredulidade humana para a existência dos Espíritos e do mundo invisível. Produzem fenômenos materiais, tais como:

Movimento de corpos inertes,
Ruídos, " voz direta,
Curas fenomênicas,
Transportes etc.

Os **médiuns facultativos** ou voluntários são os que têm consciência do seu poder e que produzem fenômenos espíritos por ato da própria vontade. Conquanto inerente à espécie humana, conforme já se disse, semelhante faculdade longe está de existir em todos no mesmo grau. Porém, se poucas pessoas há em quem ela seja absolutamente nula, mais raras ainda são as capazes de produzir os grandes efeitos, tais como, a suspensão de corpos pesados, a translação aérea e, sobretudo, as aparições. Os efeitos mais simples são a rotação de um objeto, pancadas produzidas mediante o levantamento desse objeto, ou na sua própria substância. Sem se dar importância capital a esses fenômenos, recomenda-se, contudo, que não sejam desprezados. Podem proporcionar interessantes observações e contribuir para a convicção dos que os observem. Cumpre, entretanto, ponderar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe nos que dispõem de mais perfeitos meios de comunicação, quais a escrita e a palavra. Em geral, a faculdade diminui num sentido à proporção que se desenvolve em outro.

Importante ressaltar que, apesar do médium, facultativo possuir a consciência e vontade para produzir o fenômeno, ele nada pode se os Espíritos se recusam a fazê-lo.

Os **médiuns involuntários ou naturais** são aqueles cuja influência se exerce a seu mau grado. Nenhuma consciência têm do poder que possuem e, muitas vezes, o que de anormal se passa em torno deles não se lhes afigura de modo algum extraordinário. Isso faz parte deles, exatamente como se dá com as pessoas que, sem o suspeitarem, são dotadas de dupla vista. São muito dignos de observação esses indivíduos e ninguém deve descuidar-se de recolher e estudar os fatos deste gênero que lhe cheguem ao conhecimento. Manifestam-se em todas as idades e, frequentemente, em crianças ainda muito novas.

Tal faculdade não constitui, em si mesma, indício de um estado patológico, porquanto não é incompatível com uma saúde perfeita. Se sofre aquele que a possui, esse sofrimento é devido a uma causa estranha, donde se segue que os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

desaparecer. Nalguns casos, pode ser consequente de uma certa fraqueza orgânica, porém, nunca é causa eficiente. Não seria, pois, razoável inquietar-se com ela do ponto de vista da saúde. Só poderia acarretar inconveniente, se aquele que a possui abusasse dela, depois de se tornar médium facultativo, pois então, poderia haver emissão abundante de fluido vital e, por conseguinte, enfraquecimento dos órgãos.

E concluindo nossos estudos dos itens indicados, transcrevemos nota do Prof. Herculano Pires, tradutor da edição que utilizamos: "Os Espíritos não dão aos fenômenos físicos a mesma importância que lhe atribuímos. Interessam-se mais pelas manifestações inteligentes, destinadas a transmissão de mensagens ou à conversação esclarecedora. Veja-se o caso de Francisco Cândido Xavier, dotado de excelentes faculdades de efeitos físicos mas aplicando-se, por instrução de seus guias, especialmente à psicografia. Os fenômenos impressionam e servem, muitas vezes, para despertar o interesse pela Doutrina, mas o que realmente interessa é esta, com suas consequências morais e espirituais.

Tereza Cristina D'Alessandro
Janeiro / 2006

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. XIV, 2ª Parte.)

Estudos

Centro Espírita Bатуíra

I. Médiuns de efeitos físicos.

2. Médiuns de efeitos físicos.

Considerando as condições em que acontecem e o que provocam afirma Allan Kardec que, algumas vezes, a Ciência submeteu criaturas frágeis e delicadas a torturas morais e físicas com o objetivo de evitar que praticassem fraudes, o que são sempre prejudiciais ao organismo dos sensitivos, podendo acarretar graves desordens à sua economia orgânica. A Ciência Espírita tem outro objetivo e exige outros métodos de investigação. Esses fenômenos pertencem mais à ordem moral do que à ordem física e será em vão que se buscará suas soluções nas nossas Ciências exatas.

Por serem tais fenômenos mais de ordem moral, deve-se evitar, com cuidado, todos os motivos de superexcitação da imaginação. Sabe-se quantos acidentes pode produzir o medo e não desconhecemos quantos casos de loucura e neuroses são provocadas por estórias de lobisomens e bichos-papões. Que aconteceria, então, se pudessem persuadir a todos de que se trata do diabo? Os que procuram convencer os outros dessas idéias não sabem a responsabilidade que assumem: eles podem matar, e esse perigo existe não só para o paciente, mas também para os que o cercam.

Esta crença funesta é que foi causa de tantos atos de atrocidade nos tempos de ignorância. Entretanto, se houvesse um pouco mais de discernimento, teria ocorrido aos que os praticaram que não queimavam o diabo, por queimarem o corpo que supunham possesso do diabo. Desde que do diabo é que queriam livrar-se, ao diabo é que era preciso matassem. Esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, a Doutrina Espírita lhe dá o golpe de misericórdia. Longe, pois, de concorrer para que tal idéia se forme, todos devem, e este é um dever de moralidade e de humanidade, combatê-la onde exista.

O que há a fazer-se, quando uma faculdade dessa natureza se desenvolve espontaneamente num indivíduo, é deixar que o fenômeno siga o seu curso natural: a Natureza é mais prudente do que os homens. A Providência tem seus desígnios e aos maiores destes pode servir de instrumento a mais pequenina das criaturas. Porém, forçoso é convir, o fenômeno assume por vezes proporções fatigantes e importunas para toda gente, tal como é relatado por Allan Kardec na Revista Espírita de 1858, com os comentários e explicações necessárias, e que pode ser considerado um dos fatos mais extraordinários desta natureza, pela variedade e singularidade dos fenômenos. Ocorreu em 1852, no Palatinado (Baviera renana), em Bergzabern, perto de Wissemburg. É tanto mais notável, quando se percebe, reunidos no mesmo indivíduo, quase todos os gêneros de manifestações espontâneas: estrondos de abalar a casa, móveis derrubados, arremesso de objetos ao longe por mãos invisíveis, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocando sem contato, comunicações inteligentes, etc. e, o que não é de somenos importância, a comprovação destes fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares, dignas de crédito pelo saber e pelas posições sociais que ocupavam. A narração autêntica dos aludidos fenômenos foi publicada, naquela época, em muitos jornais alemães e, especialmente, numa brochura hoje esgotada e raríssima. Além do empolgante interesse que tais fenômenos despertam, eles são eminentemente instrutivos, do ponto de vista do estudo prático do Espiritismo.

Eis, então, o que em todos os casos importa fazer-se. No capítulo V - Das manifestações físicas espontâneas, encontramos orientações a este respeito, dizendo ser preciso entrar em comunicação com o Espírito, para dele saber-se o que quer. O meio seguinte também se funda na observação.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

Os seres invisíveis, que revelam sua presença por efeitos sensíveis, são, em geral, Espíritos de uma ordem inferior e que podem ser dominados pelo ascendente moral. A aquisição deste ascendente é o que se deve procurar.

Para alcançá-lo, preciso é que o indivíduo passe do estado de médium natural ao de médium voluntário. Produz-se, então, efeito análogo ao que se observa no sonambulismo. Como se sabe, o sonambulismo natural cessa geralmente, quando substituído pelo sonambulismo magnético. Não se suprime a faculdade, que tem a alma, de emancipar-se; dar-se lhe outra diretriz. O mesmo acontece com a faculdade mediúnica. Para isso, em vez de impedir as manifestações, coisa que raramente se consegue e que nem sempre deixa de ser perigosa, o que se tem de fazer é levar o médium a produzi-los à sua vontade, impondo-se ao Espírito. Por esse meio, chega o médium a sujeitá-lo e, de um dominador às vezes tirânico, faz um ser submisso e, não raro, dócil. Fato digno de nota e que a experiência confirma é que, em tal caso, uma criança tem tanta e, por vezes, mais autoridade que um adulto: mais uma prova a favor deste ponto capital da Doutrina, que o Espírito só é criança pelo corpo; que tem por si mesmo um desenvolvimento necessariamente anterior à sua encarnação atual, desenvolvimento que lhe pode dar ascendente sobre Espíritos que lhe são inferiores. A moralização de um Espírito, pelos conselhos de uma pessoa influente, do ponto de vista moral, e experiente, não estando o médium em estado de o fazer, constitui frequentemente meio muito eficaz. É o que ocorre em reuniões mediúnicas que tem por objetivo o socorro espiritual e a desobsessão.

Concluindo esse estudo ressaltamos a importância da educação mediúnica como meio para dar ao médium o equilíbrio e a segurança que lhe são necessários, e só adquiridos através do esforço no estudo, na prática do Bem, na perseverança em direção ao caminho Maior.

Tereza Cristina D'Alessandro
Fevereiro / 2006

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. XIV, 2ª Parte.)

02. Médiuns sensitivos ou impressionáveis.

164. Chamam-se assim às pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, por uma espécie de leve roçadura sobre todos os seus membros, sensação que elas não podem explicar. Esta variedade não apresenta caráter bem definido. Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, sendo assim a impressionabilidade mais uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras. Difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual preciso é não seja confundida, porquanto, pessoas há que não têm nervos delicados e que sentem mais ou menos o efeito da presença dos Espíritos, do mesmo modo que outras, muito irritáveis, absolutamente não os pressentem.

Esta faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir tal sutileza, que aquele que a possui reconhece, pela impressão que experimenta, não só a natureza, boa ou má, do Espírito que lhe está ao lado, mas até a sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei quê, a aproximação de tal ou tal pessoa. Torna-se, com relação aos Espíritos, verdadeiro sensitivo. Um bom Espírito produz sempre uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, ao contrário, é penosa, angustiosa, desagradável. Há como que um cheiro de impureza.

Estudos

Centro Espírita Bатуíra

II. Médiuns sensitivos ou impressionáveis.

Médiuns sensitivos ou impressionáveis.

Sensitivos são pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão geral ou local, vaga ou material.

Médiuns sensitivos ou impressionáveis: São assim designadas as pessoas capazes de sentir a presença dos Espíritos por uma vaga impressão, uma espécie de arrepio geral que elas mesmas não sabem o que seja.

Esta variedade não apresenta caráter bem definido.

Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, de maneira que a impressionabilidade é antes uma qualidade geral do que especial: é a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras.

Difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual não se deve confundi-la, pois há pessoas que são sensíveis e sentem mais ou menos a presença dos Espíritos, ao passo que outras muito suscetíveis absolutamente não os percebem.

Essa faculdade se desenvolve com o hábito e pode atingir uma tal sutileza que a pessoa dotada reconhece, pela sensação recebida, não só a natureza boa ou má do Espírito que se aproximou, mas também a sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei que, a aproximação desta ou daquela pessoa.

Ela se torna, em relação aos Espíritos, um verdadeiro sensitivo.

Um bom Espírito produz sempre uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, pelo contrário é penosa, angustiante e desagradável; tem como que um cheiro de impureza.

Tereza Cristina D'Alessandro

Março / 2006

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. XIV, 2ª Parte.)

03. Médiuns audientes.

165. Estes ouvem a voz dos Espíritos. É, como dissemos ao falar da pneumatofonia, algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem, assim, travar conversação com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela natureza da voz. Quem não seja dotado desta faculdade pode, igualmente, comunicar com um Espírito, se tiver, a auxiliá-lo, um médium audiente, que desempenhe a função de intérprete.

Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só ouve Espíritos bons, ou unicamente aqueles por quem chama. Assim, entretanto, já não é, quando um Espírito mau se lhe agarra, fazendo-lhe ouvir a cada instante as coisas mais desagradáveis e não raro as mais inconvenientes. Cumpre-lhe, então, procurar livrar-se desses Espíritos, pelos meios que indicaremos no capítulo da Obsessão.

Estudos

Centro Espírita Bатуíra

III. Médiuns audientes.

Médiuns audientes.

São os que ouvem a voz dos Espíritos.

Como foi explicado ao tratar da **pneumatofonia**, é algumas vezes uma voz interna que se faz ouvir no foro íntimo.

De outras vezes é uma voz externa, clara e distinta como a de uma pessoa viva.

Os médiuns audientes podem assim conversar com os Espíritos.

Quando adquirem o hábito de comunicar-se com certos Espíritos, os reconhecem imediatamente pelo timbre da voz.

Quando não se possui essa faculdade, pode-se também comunicar com um Espírito através de um médium audiente, que exerce o papel de intérprete.

Esta faculdade é muito agradável quando o médium só ouve Espíritos bons ou somente aqueles que ele chama.

Mas não se dá o mesmo quando um Espírito mau se apega a ele, fazendo-lhe ouvir a cada minuto as coisas mais desagradáveis e algumas vezes mais inconvenientes.

É necessário então tratar de desembaraçar-se, pois são sinais característicos de influência espiritual obsessiva, uma vez que os Espíritos mais elevados não se impõem em nossas vivências.

Tereza Cristina D'Alessandro
Março / 2006

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. XIV, 2ª Parte.)

04. Médiuns falantes.

166. Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são, a bem, dizer, médiuns falantes. Estes últimos, as mais das vezes, nada ouvem. Neles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Querendo comunicar-se, o Espírito se serve do órgão que se lhe depara mais flexível no médium. A um, toma da mão; a outro, da palavra; a um terceiro, do ouvido. O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas idéias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente guarda lembrança do que diz. Em suma, nele, a palavra é um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma terceira pessoa pode comunicar-se, como pode com o auxílio de um médium audiente.

Nem sempre, porém, é tão completa a passividade do médium falante. Alguns há que têm a intuição do que dizem, no momento mesmo em que pronunciam as palavras. Voltaremos a ocupar-nos com esta espécie de médiuns, quando tratarmos dos médiuns intuitivos.

Estudos

Centro Espírita Bатуíra

IV. Médiuns falantes.

Médiuns falantes.

Médiuns falantes: os que falam sob a influência dos Espíritos. São muito comuns.

Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são, propriamente, médiuns falantes. Estes, na maioria das vezes, nada ouvem. Ao servir-se deles, os Espíritos atuam sobre os órgãos vocais, como atuam sobre a mão dos médiuns escreventes.

Querendo comunicar-se, o Espírito se serve do órgão que se lhe depara mais flexível no médium. De um empresta a mão, de outro, as cordas vocais e de um terceiro os ouvidos. O médium falante, geralmente, se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas idéias habituais, fora dos seus conhecimentos e mesmo do alcance de sua inteligência.

Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente guarda lembrança do que diz. Em suma, nele, a voz do médium é um instrumento de que se serve o Espírito e com o qual outra pessoa pode conversar com este, como o faz no caso do médium audiente.

Nem sempre, porém, é completa a passividade do médium falante. Alguns há que têm a intuição do que dizem, no momento mesmo em que pronunciam as palavras.

Para identificar o grau de consciência do médium pode-se considerar, por exemplo, dois aspectos: o grau de percepção real do que acontece e a respectiva lembrança.

• **Graus de Consciência**

Consciente ou intuitivo.

— Médium tem consciência do que será dito antes de falar e, após o transe, se recorda da comunicação.

Semi-consciente ou semi-mecânico.

— Médium tem consciência do que será dito durante a fala e, após a comunicação, se recorda de parte da mesma.

Inconsciente ou Mecânico.

— Médium não tem consciência do que ocorre durante a comunicação, a após o transe, raramente se recorda de algo que disse ou fez.

A palavra é o meio do qual o Espírito se serve para que uma terceira pessoa possa se comunicar em processo idêntico a qualquer outro. É importante não confundir a mediunidade de fala com a psicofonia ou mediunidade de incorporação, em que há interpenetração psíquica.

Tereza Cristina D'Alessandro
Abril / 2006

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. XIV, 2ª Parte.)

Zimmermann Zalmino, Perispírito, (Cap XL – Perispírito e Mediunidade.)

05. Médiuns videntes.

167. Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo. Raro é que esta faculdade se mostre permanente; quase sempre é efeito de uma crise passageira. Na categoria dos médiuns videntes se podem incluir todas as pessoas dotadas de dupla vista. A possibilidade de ver em sonho os Espíritos resulta, sem contestação, de uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, o que se chama médium vidente. Explicamos esse fenômeno em o capítulo VI — Das manifestações visuais.

O médium vidente julga ver com os olhos, como os que são dotados de dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê e por isso é que eles tanto vêem com os olhos fechados, como com os olhos abertos; donde se conclui que um cego pode ver os Espíritos, do mesmo modo que qualquer outro que tem perfeita a vista. Sobre este último ponto caberia fazer-se interessante estudo, o de saber se a faculdade de que tratamos é mais frequente nos cegos. Espíritos que na Terra foram cegos nos disseram que, quando vivos, tinham, pela alma, a percepção de certos objetos e que não se encontravam imersos em negra escuridão.

168. Cumpre distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são frequentes, sobretudo no momento da morte das pessoas que aquele que vê amou ou conheceu e que o vêm prevenir de que já não são deste mundo. Há inúmeros exemplos de fatos deste gênero, sem falar das visões durante o sono. Doutras vezes, são, do mesmo modo, parentes, ou amigos que, conquanto mortos há mais ou menos tempo, aparecem, ou para avisar de um perigo, ou para dar um conselho, ou, ainda, para pedir um serviço. O serviço que o Espírito pode solicitar é, em geral, a execução de uma coisa que lhe não foi possível fazer em vida, ou o auxílio das preces. Estas aparições constituem fatos isolados, que apresentam sempre um caráter individual e pessoal, e não efeito de uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos muito frequente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que seja absolutamente estranho ao vidente. A posse desta faculdade é o que constitui, propriamente falando, o médium vidente.

Entre esses médiuns, alguns há que só vêem os Espíritos evocados e cuja descrição podem fazer com exatidão minuciosa. Descrevem-lhes, com as menores particularidades, os gestos, a expressão da fisionomia, os traços do semblante, as vestes e, até, os sentimentos de que parecem animados. Outros há em quem a faculdade da vidência é ainda mais ampla: vêem toda a população espírita ambiente, a se mover em todos os sentidos, cuidando, poder-se-ia dizer, de seus afazeres.

169. Assistimos uma noite à representação da ópera Oberon, em companhia de um médium vidente muito bom. Havia na sala grande número de lugares vazios, muitos dos quais, no entanto, estavam ocupados por Espíritos, que pareciam interessar-se pelo espetáculo. Alguns se colocavam junto de certos espectadores, como que a lhes escutar a conversação. Cena diversa se desenrolava no palco: por detrás dos atores muitos Espíritos, de humor jovial, se divertiam em arremedá-los, imitando-lhes os gestos de modo grotesco; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços por lhes dar energia. Um deles se conservava sempre junto de uma das principais cantoras. Julgando-o animado de intenções um tanto levianas e tendo-o evocado após a terminação do ato, ele acudiu ao nosso chamado e nos reprochou, com severidade, o temerário juízo: “Não sou o que julgas, disse; sou o seu guia e seu Espírito protetor; sou encarregado de dirigi-la.” Depois de alguns minutos de uma palestra muito séria, deixou-nos, dizendo: “Adeus; ela está em seu camarim; é preciso que vá vigiá-la.” Em seguida, evocamos o Espírito Weber, autor da ópera, e lhe perguntamos o que pensava da execução da sua obra. “Não de todo má; porém, frouxa; os atores cantam, eis tudo. Não há inspiração. Espera, acrescentou, vou tentar dar-lhes

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

um pouco do fogo sagrado.” Foi visto, daí a nada, no palco, pairando acima dos atores. Partindo dele, um como eflúvio se derramava sobre os intérpretes. Houve, então, nestes, visível recrudescência de energia.

170. Outro fato que prova a influência que os Espíritos exercem sobre os homens, à revelia destes: Assistíamos, como nessa noite, a uma representação teatral, com outro médium vidente. Travando conversação com um Espírito espectador, disse-nos ele: “Vês aquelas duas damas sós, naquele camarote da primeira ordem? Pois bem, estou esforçando-me por fazer que deixem a sala.” Dizendo isso, o médium o viu ir colocar-se no camarote em questão e falar às duas. De súbito, estas, que se mostravam muito atentas ao espetáculo, se entreolharam, parecendo consultar-se mutuamente. Depois, vão-se e não mais voltam. O Espírito nos fez então um gesto cômico, querendo significar que cumprira o que dissera. Não o tornamos a ver, para pedir-lhe explicações mais amplas. É assim que muitas vezes fomos testemunha do papel que os Espíritos desempenham entre os vivos. Observamo-los em diversos lugares de reunião, em bailes, concertos, sermões, funerais, casamentos, etc., e por toda parte os encontramos atizando paixões más, soprando discórdias, provocando rixas e rejubilando-se com suas proezas. Outros, ao contrário, combatiam essas influências perniciosas, porém, raramente eram atendidos.

171. A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, desenvolver-se, mas é uma das de que convém esperar o desenvolvimento natural, sem o provocar, em não se querendo ser juguete da própria imaginação. Quando o gérmen de uma faculdade existe, ela se manifesta de si mesma. Em princípio, devemos contentar-nos com as que Deus nos outorgou, sem procurarmos o impossível, por isso que, pretendendo ter muito, corremos o risco de perder o que possuímos.

Quando dissemos serem frequentes os casos de aparições espontâneas (no 107), não quisemos dizer que são muito comuns. Quanto aos médiuns videntes, propriamente ditos, ainda são mais raros e há muito que desconfiar dos que se inculcam possuidores dessa faculdade. É prudente não se lhes dar crédito, senão diante de provas positivas. Não aludimos sequer aos que se dão à ilusão ridícula de ver os Espíritos glóbulos, que descrevemos no no 108; falamos apenas dos que dizem ver os Espíritos de modo racional. É fora de dúvida que algumas pessoas podem enganar-se de boa-fé, porém, outras podem também simular esta faculdade por amor-próprio, ou por interesse. Neste caso, é preciso, muito especialmente, levarem conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habituais; todavia, nas particularidades, sobretudo, é que se encontram meios de mais segura verificação, porquanto algumas há que não podem deixar suspeita, como, por exemplo, a exatidão no retratar Espíritos que o médium jamais conheceu quando encarnados. Pertence a esta categoria o fato seguinte:

Uma senhora, viúva, cujo marido se comunica frequentemente com ela, estava certa vez em companhia de um médium vidente, que não a conhecia, como não lhe conhecia a família. Disse-lhe o médium, em dado momento: — Vejo um Espírito perto da senhora. — Ah! disse esta por sua vez: É com certeza meu marido, que quase nunca me deixa. — Não, respondeu o médium, é uma mulher de certa idade; está penteada de modo singular; traz um bandó branco sobre a fronte.

Por essa particularidade e outros detalhes descritos, a senhora reconheceu, sem haver possibilidade de engano, sua avó, em quem naquele instante absolutamente não pensava. Se o médium houvesse querido simular a faculdade, fácil lhe fora acompanhar o pensamento da dama. Entretanto, em vez do marido, com quem ela se achava preocupada, ele vê uma mulher, com uma particularidade no penteado, da qual coisa alguma lhe podia dar idéia. Este fato prova também que a vidência, no médium, não era reflexo de qualquer pensamento estranho. (Veja-se o no 102.)

Estudos

Centro Espírita Bатуíra

V. Médiuns videntes.

Médiuns videntes.

Médiuns videntes são os dotados da faculdade de ver os Espíritos. Pode ser em estado normal, em vigília, guardando a lembrança precisa do que viu. Outros, só a possuem em estado sonambúlico. Não é permanente, muitas vezes sendo o resultado de alguma situação passageira. O médium acredita ver com os olhos, como os que têm dupla vista, isto é, é a alma que vê, podendo dispor dela quem tem visão normal ou não. É uma faculdade em que se há de ter especial atenção, porque o vidente normalmente interpreta o que vê segundo seu modo pessoal ou o momento que esteja vivendo. Recordemos Emmanuel Swendenborg que interpretou e adaptou a realidade segundo suas idéias, restrições e convicções.

Afirma Allan Kardec que “A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos muito frequente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que seja absolutamente estranho ao vidente. A posse dessa faculdade é que constitui propriamente falando, o médium vidente.”

No livro Mediunidade o professor Herculano Pires esclarece que “A vidência, como todas as formas de mediunidade, pode ocorrer ocasionalmente a qualquer pessoa, mas a sua ação permanente, nos casos de mediunato, pode bloquear a razão e excitar o misticismo. Nesses casos o místico está sujeito a enganos fatais. O espírito encarnado está condicionado à vida do plano material, não dispondo de segurança para lidar com os problemas do plano espiritual. No desdobramento, com fins de pesquisa no outro plano, esse problema se agrava, pois o deslocamento do espírito para um campo de ação que não é o seu, durante a encarnação, o coloca no plano espiritual como um estrangeiro que precisaria de um tempo para ajustar-se a ele. Por isso Kardec preferiu o estudo e a investigação através das manifestações mediúnicas, onde é possível controlar-se a legitimidade das informações dadas pelos habitantes do plano espiritual.

Ressalta ainda o autor que Charles Richet, o fundador da metapsíquica, levantou o problema do condicionamento da vidência à crença do vidente. Relembra também que Frederic Myers demonstrou que a nossa mente está condicionada para a interpretação das percepções sensoriais. A consciência supraliminar, onde funciona a nossa mente de relação, está voltada para as condições do mundo em que vivemos, e que a consciência subliminar, que equivale ao inconsciente, destina-se a funcionar normalmente na vida futura, ou seja, no plano espiritual.

Para Allan Kardec nada disso passou despercebido, como se pode ver nos relatos de pesquisa nas comunicações mediúnicas de encarnados que se encontram na Revista Espírita. Os próprios espíritos recém-desencarnados referem-se às dificuldades que enfrentam para adaptar-se as condições do mundo espiritual.

Como entender a existência do mediunato de vidência? A razão nos mostra, ressalta o prof. Herculano Pires, que esse mediunato jamais será concedido para aventuras de Espíritos encarnados no plano espiritual, porque isso seria condenar o médium a uma situação de dualidade perigosa na vida terrena. Esse mediunato existe, afirma ele, para fins de auxílio às pesquisas ou para demonstrações da verdade espírita, mas não para criar condições anômalas no campo mediúnico.

Todas essas reflexões nos levam a entender a mediunidade de vidência como uma tarefa que está, como as outras, condicionada ao aspecto moral, a uso que o médium dela fará, considerando a sua condição moral. Sabemos que é uma expressão mediúnica que coloca o médium em evidência, daí a necessidade de cuidados.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

Relembramos Allan Kardec: “A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, se desenvolver, mas é uma dessas faculdades cujo desenvolvimento deve processar-se naturalmente, sem que se provoque, se não quiser expor-se às ilusões da imaginação. Quando temos o germe de uma faculdade, ela se manifesta por si mesmo. Devemos, por princípio, contentar-nos com aquelas que Deus nos concedeu, sem procurar o impossível, porque, então, querendo ter demais, arrisca-se a perder o que tem.”

O Codificador chama a atenção também para o fato de que médiuns videntes, propriamente ditos, são ainda mais raros e que é prudente não lhes dar fé senão mediante provas positivas. Algumas pessoas podem, sem dúvida, enganar-se de boa fé, mas outras podem simular essa faculdade por amor próprio ou interesse e nesse caso, deve-se levar em conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habituais da pessoa.

Tereza Cristina D'Alessandro
Maio/2006

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. XIV, 2ª Parte.)

Bighetti Leda Marques, Educação Mediúnica, (Teoria e Prática-1º volume, pag. 208 – 210.)

Pires José Herculano, Mediunidade, (Cap III.)

06. Médiuns sonambúlicos.

172. Pode considerar-se o sonambulismo uma variedade da faculdade mediúnica, ou, melhor, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se acham reunidos. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. O que ele externa tira-o de si mesmo; suas idéias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem de si. Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, enquanto que o médium exprime o de outrem. Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também o pode fazer com um sonâmbulo; dá-se mesmo que, muitas vezes, o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação. Muitos sonâmbulos vêem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão, como os médiuns videntes. Podem confabular com eles e transmitir-nos seus pensamentos. O que dizem, fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, lhes é com freqüência sugerido por outros Espíritos. Aqui está um exemplo notável, em que a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e de outro Espírito se revela e de modo inequívoco.

173. Um de nossos amigos tinha como sonâmbulo um rapaz de 14 a 15 anos, de inteligência muito vulgar e instrução extremamente escassa. Entretanto, no estado de sonambulismo, deu provas de lucidez extraordinária e de grande perspicácia. Excelia, sobretudo, no tratamento das enfermidades e operou grande número de curas consideradas impossíveis. Certo dia, dando consulta a um doente, descreveu a enfermidade com absoluta exatidão. — Não basta, disseram-lhe, agora é preciso que indique o remédio. Não posso, respondeu, meu anjo doutor não está aqui. Quem é esse anjo doutor de quem falas? — O que dita os remédios. — Não és tu, então, que vês os remédios? — Oh! não; estou a dizer que é o meu anjo doutor quem mos dita.

Assim, nesse sonâmbulo, a ação de ver o mal era do seu próprio Espírito que, para isso, não precisava de assistência alguma; a indicação, porém, dos remédios lhe era dada por outro. Não estando presente esse outro, ele nada podia dizer. Quando só, era apenas sonâmbulo; assistido por aquele a quem chamava seu anjo doutor, era sonâmbulo médium.

174. A lucidez sonambúlica é uma faculdade que se radica no organismo e que independe, em absoluto, da elevação, do adiantamento e mesmo do estado moral do indivíduo. Pode, pois, um sonâmbulo ser muito lúcido e ao mesmo tempo incapaz de resolver certas questões, desde que seu Espírito seja pouco adiantado. O que fala por si próprio pode, portanto, dizer coisas boas ou más, exatas ou falsas, demonstrar mais ou menos delicadeza e escrúpulo nos processos de que use, conforme o grau de elevação, ou de inferioridade do seu próprio Espírito. A assistência então de outro Espírito pode suprir-lhe as deficiências. Mas, um sonâmbulo, tanto como os médiuns, pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano, ou mesmo mau. Aí, sobretudo, é que as qualidades morais exercem grande influência, para atraírem os bons Espíritos. (Veja-se: O Livro dos Espíritos, “Sonambulismo”, no 425, e, aqui, adiante, o capítulo sobre a “Influência moral do médium”.)

Médiuns sonambúlicos.

No sonambulismo, é a alma do sonâmbulo que se movimenta e age

1. O sonambulismo, enquadra-se no capítulo que trata da emancipação da alma, como podemos ver na principal obra de Kardec, “O Livro dos Espíritos”.

2. No sonambulismo, o que o caracteriza é o fato de o indivíduo, embora dormindo, poder movimentar-se e agir, utilizando o seu próprio corpo material, como se estivesse acordado.

Ele se levanta, caminha e pratica atos próprios de sua vida com absoluta segurança e perfeição. Outra característica do fenômeno é o fato de perder o sonâmbulo, ao acordar, a lembrança do que fez dormindo.

3. No sonambulismo, analogamente ao que ocorre durante o sono, o Espírito do sonâmbulo se desprende e, uma vez emancipado, passa a ver com os olhos espirituais, com a particularidade de que, embora desprendido do corpo físico, continua exercendo uma força sobre ele.

E o faz com grande segurança, como provam os fatos, a ponto de subir em telhados e caminhar à beira de precipícios, sem se acidentar.

A respeito disso, Gabriel Delanne relata em seu livro “O Espiritismo perante a Ciência” alguns fatos muito interessantes, como o caso de um farmacêutico de Pavia que durante o sono levantava-se da cama e ia ao laboratório de sua farmácia, onde continuava a preparar as receitas ainda não atendidas.

4. Se o indivíduo continua a agir dormindo e tendo os olhos fechados, que se pode deduzir, senão que é sua alma quem age? E, de fato, assim o é porque, ao emancipar-se, o Espírito pode utilizar com maior facilidade as percepções que lhe são próprias, tal como nos ensina o Espiritismo quando diz que o sonambulismo natural é um estado de independência do Espírito mais completo do que o sonho, que não passaria, segundo os instrutores espirituais, de um estado de sonambulismo imperfeito.

07. Médiuns curadores.

175. Unicamente para não deixar de mencioná-la, falaremos aqui desta espécie de médiuns, porquanto o assunto exigiria desenvolvimento excessivo para os limites em que precisamos atermos. Sabemos, ao demais, que um de nossos amigos, médico, se propõe a tratá-lo em obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Dir-se-á, sem dúvida, que isso mais não é do que magnetismo. Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quem examina cuidadosamente o fenômeno sem dificuldade reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; no caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que é o que constitui a mediunidade, se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação. (Veja-se atrás o no 131.)

176. Eis aqui as respostas que nos deram os Espíritos às perguntas que lhes dirigimos sobre este assunto:

1. Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns? “Não há que duvidar.”

2. Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

“É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.”

3. Há, entretanto, bons magnetizadores que não creem nos Espíritos?

“Pensas então que os Espíritos só atuam nos que creem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus.”

4. Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos? “Faria coisas que consideraríeis milagre.”

5. Há pessoas que verdadeiramente possuem o dom de curar pelo simples contacto, sem o emprego dos passes magnéticos? “Certamente; não tens disso múltiplos exemplos?”

6. Nesse caso, há também ação magnética, ou apenas influência dos Espíritos? “Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois que atuam sob a influência dos Espíritos; isso, porém, não quer dizer que sejam quais médiuns curadores, conforme o entendes.”

7. Pode transmitir-se esse poder? “O poder, não; mas o conhecimento de que necessita, para exercê-lo, quem o possua. Não falta quem não suspeite sequer de que tem esse poder, se não acreditar que lhe foi transmitido.”

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

8. Podem obter-se curas unicamente por meio da prece? “Sim, desde que Deus o permita; pode dar-se, no entanto, que o bem do doente esteja em sofrer por mais tempo e então julgais que a vossa prece não foi ouvida.”

9. Haverá para isso algumas fórmulas de prece mais eficazes do que outras?

“Somente a superstição pode emprestar virtudes quaisquer a certas palavras e somente Espíritos ignorantes, ou mentirosos podem alimentar semelhantes idéias, prescrevendo fórmulas. Pode, entretanto, acontecer que, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de determinada fórmula contribua para lhes infundir confiança. Neste caso, porém, não é na fórmula que está a eficácia, mas na fé, que aumenta por efeito da idéia ligada ao uso da fórmula.”

Estudos

Centro Espírita Bатуíra

VII. Médiuns curadores.

Médiuns curadores.

Afirma Allan Kardec que para não deixar de mencioná-la, fala aqui desta espécie de médiuns, porquanto o assunto exigiria desenvolvimento excessivo para os limites em que precisamos ater-nos. Diz apenas que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Pode-se dizer, sem dúvida, que isso mais não é do que magnetismo.

Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quem examina cuidadosamente o fenômeno sem dificuldade reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; no caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso.

Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que é o que constitui a mediunidade, se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação.

Eis aqui as respostas que deram os Espíritos às perguntas que sobre este assunto:

Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

— “Não há que duvidar.”

Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

— “É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.”

Há, entretanto, bons magnetizadores que não creem nos Espíritos?

— “Pensas então que os Espíritos só atuam nos que creem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus.”

Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?

— “Faria coisas que consideraríeis milagre.”

Há pessoas que verdadeiramente possuem o dom de curar pelo simples contato, sem o emprego dos passes magnéticos?

— “Certamente; não tens disso múltiplos exemplos?”

Nesse caso, há também ação magnética, ou apenas influência dos Espíritos?

— “Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois que atuam sob a influência dos Espíritos; isso, porém, não quer dizer que sejam quais médiuns curadores, conforme o entendes.”

Pode transmitir-se esse poder?

— “O poder, não; mas o conhecimento de que necessita, para exercê-lo, quem o possua. Não falta quem não suspeite sequer de que tem esse poder, se não acreditar que lhe foi transmitido.”

Podem obter-se curas unicamente por meio da prece?

— “Sim, desde que Deus o permita; pode dar-se, no entanto, que o bem do doente esteja em sofrer por mais tempo e então julgais que a vossa prece não foi ouvida.”

Haverá para isso algumas fórmulas de prece mais eficazes do que outras?

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XIV)

— “Somente a superstição pode emprestar virtudes quaisquer a certas palavras e somente Espíritos ignorantes, ou mentirosos podem alimentar semelhantes idéias, prescrevendo fórmulas. Pode, entretanto, acontecer que, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de determinada fórmula contribua para lhes infundir confiança. Neste caso, porém, não é na fórmula que está a eficácia, mas na fé, que aumenta por efeito da ideia ligada ao uso da fórmula.”

Podemos concluir que o que dá eficácia curadora ao magnetismo humano é a ação dos Espíritos.

Tereza Cristina D'Alessandro
Julho / 2006

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. XIV, 2ª Parte.)

08. Médiuns pneumatógrafos.

177. Dá-se este nome aos médiuns que têm aptidão para obter a escrita direta, o que não é possível a todos os médiuns escreventes. Esta faculdade, até agora, se mostra muito rara. Desenvolve-se, provavelmente, pelo exercício; mas, como dissemos, sua utilidade prática se limita a uma comprovação patente da intervenção de uma força oculta nas manifestações. Só a experiência é capaz de dar a ver a qualquer pessoa se a possui. Pode-se, portanto, experimentar, como também se pode inquirir a respeito um Espírito protetor, pelos outros meios de comunicação. Conforme seja maior ou menor o poder do médium, obtêm-se simples traços, sinais, letras, palavras, frases e mesmo páginas inteiras. Basta de ordinário colocar uma folha de papel dobrada num lugar qualquer, ou indicado pelo Espírito, durante dez minutos, ou um quarto de hora, às vezes mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais; é por isso que se pode considerar impossível a obtenção de coisa alguma, numa reunião de pessoas pouco sérias, ou não animadas de sentimentos de simpatia e benevolência. (Veja-se a teoria da escrita direta, capítulo VIII, Laboratório do mundo invisível, no 127 e seguintes, e capítulo XII, Pneumatografia.) Trataremos de modo especial dos médiuns escreventes nos capítulos que se seguem.

Estudos

Centro Espírita Bатуíra

VIII. Médiuns pneumatógrafos.

Médiuns pneumatógrafos.

Iniciamos este estudo relembrando o tema do mês de setembro/05, quando estudamos o fenômeno da **escrita direta ou pneumatografia**:

Pneumatografia - (Do grego – pneuma – ar, sopro, vento, espírito, e graphô, escrevo.) - Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.

O fenômeno da escrita direta é, indiscutivelmente, um dos mais extraordinários do Espiritismo. Mas, por mais estranho que pareça, constitui hoje fato averiguado e incontestável. Se a teoria é necessária para a compreensão dos fenômenos espíritas em geral, talvez mais necessária ainda se faz neste caso que, sem contestação, é um dos mais estranhos que se possam apresentar, porém que deixa de parecer sobrenatural, desde que se lhe compreenda o princípio.

Médiuns pneumatógrafos: os que obtêm a escrita direta. Fenômeno muito raro e, sobretudo, muito fácil de ser imitado pelos trapaceiros.

Em nota à questão 189, Allan Kardec esclarece que: **“Os Espíritos insistiram, contra a nossa opinião, em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que:”**

“Os efeitos inteligentes são aqueles para cuja produção o Espírito se serve dos materiais existentes no cérebro do médium, o que não se dá na escrita direta. A ação do médium é aqui toda material, ao passo que no médium escrevente, ainda que completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo.”

Dá-se este nome aos médiuns que têm aptidão para obter a **escrita direta**, o que não é possível a todos os médiuns escreventes (psicógrafos). Esta faculdade, até agora, se mostra muito rara.

Desenvolve-se, provavelmente, pelo exercício; mas, como dissemos, sua utilidade prática se limita a uma comprovação patente da intervenção de uma força oculta nas manifestações. Só a experiência é capaz de dar a ver a qualquer pessoa se a possui. Pode-se, portanto, experimentar, como também se pode inquirir a respeito um Espírito protetor, pelos outros meios de comunicação. Conforme seja maior ou menor o poder do médium, obtêm-se simples traços, sinais, letras, palavras, frases e mesmo páginas inteiras. Basta de ordinário colocar uma folha de papel dobrada num lugar qualquer, ou indicado pelo Espírito, durante dez minutos, ou um quarto de hora, às vezes mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais; é por isso que se pode considerar impossível a obtenção de coisa alguma, numa reunião de pessoas pouco, sérias, ou não animadas de sentimentos de simpatia e benevolência.

A **escrita direta**, ou **pneumatografia**, é a que se produz espontaneamente, sem o concurso, nem da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar-se de uma folha de papel branco, o que se pode fazer com todas as precauções necessárias, para se ter a certeza da ausência de qualquer fraude, dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta, ou simplesmente sobre um móvel. Feito isso, se a pessoa estiver nas devidas condições, ao cabo de mais ou menos longo tempo encontrar-se-ão, traçados no papel, letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, as mais das vezes com uma substância acinzentada, análoga à **plumbagina**, de outras vezes com lápis vermelho, tinta comum e, mesmo, tinta de imprimir.

A escrita se forma por meio de uma matéria depositada sobre o papel.

A **pneumatografia** é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da psicografia, por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium.

Tereza Cristina D'Alessandro
Agosto / 2006

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (cap. XIV, 2ª Parte.)